

Fragmentos: caminhos d'água da Amazônia

Mestrando Maximilian Medeiros Rodrigues (UFRGS/UFAM)

Tal série representa o resultado do trabalho obtido durante período de pesquisa da minha dissertação do Mestrado realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em parceria com a Universidade Federal do Amazonas através do MINTER, Mestrado Interinstitucional em Artes.

A série “*Fragmentos*” 2021 são 10 imagens de um período de deslocamentos feitos na Amazônia, especificamente entre a cidade de Manaus, onde moro atualmente, Rio Preto da Eva e Presidente Figueiredo, cidades próximas à capital amazonense, com acesso por estrada. Além de Parintins, minha cidade natal e Terra Santa-PA, cidade próxima, onde o acesso se dá por embarcações.

A ideia inicial se deu por se caminhar e navegar para capturar imagens que mostram a paisagem fragmentada dos lugares numa relação forte com a água, e de acordo com suas particularidades, a mostrar também a maneira como a sociedade amazônida lida com os fenômenos naturais, e a dicotomia entre o espaço urbanos com a natureza.

Nesta, o tempo dos tempos dos homens é algo acontecendo sensivelmente, visivelmente em derredor. Libertos do espaço pelas do imaginário, através do qual explicitam e submetem, à sua medida, a noção de espaço, os homens estabelecem, em plenitude, sua relação com o tempo. Sob a liberdade que o devaneio permite, o espaço é quase absorvido pelo tempo assumindo uma leveza que compensa as duras fainas e jornadas na floresta ou nos rios. (LOUREIRO, 1995, p. 57)

Ao observar o entorno aquático de Manaus, pude perceber a relação da cidade com a água, com a natureza. Ao chegar de barco de viagem observo uma imagem de margem diferente

da maioria das paisagens num ambiente ribeirinho com o rio, o céu, o barranco e a vegetação, em vez disso, temos a visualização da imensidão do rio, o céu, mas no meio da imagem, prédios e formas retangulares com tonalidades essencialmente urbanas tomam conta do centro das atenções.

Então isso se torna uma peculiaridade na paisagem amazônica em relação à maioria dos lugares no amazonas, como por exemplo as comunidades ribeirinhas. Os fragmentos são peças que se encaixam e se soltam entre o todo da imagem. Reflexos que revelam uma topografia ribeirinha e urbana num limiar com a imagem diluída.

As diversas conotações simbólicas da água, (...)foram uma espécie de imaginário aquático do qual os artistas irão se servir no decorrer dos séculos, ampliando-o e reelaborando-o através de suas experiências e interpretações poéticas. A simbologia da água tem sua origem tanto na experimentação individual fenomenológica da água, como na sua elaboração e transmissão social. Os usos e hábitos dos diferentes povos marcaram de maneiras específicas a relação do homem com a água, levando-o a desenvolver narrativas que dão conta de descrever toda a sorte de sensações e anseios decorrentes desta relação. A complexibilidade da relação homem-água desdobra-se nos variados aspectos, de forma que a histórias sobre a água não são apenas a descrição de eventos reais, mas ganham tonalidades metafóricas que servem para explicar diversos dos comportamentos humanos. Assim, quando falo sobre a água em si, mas sobre toda uma sorte de significados que a água materializa.”(JUNIOR, 2006, p.30)

Figura 01: Maxi Rodrigues, (2021) *Série:Fragmentos*. Imagem digital



Figura 02: Maxi Rodrigues, (2021) *Série:Fragmentos*. Imagem digital

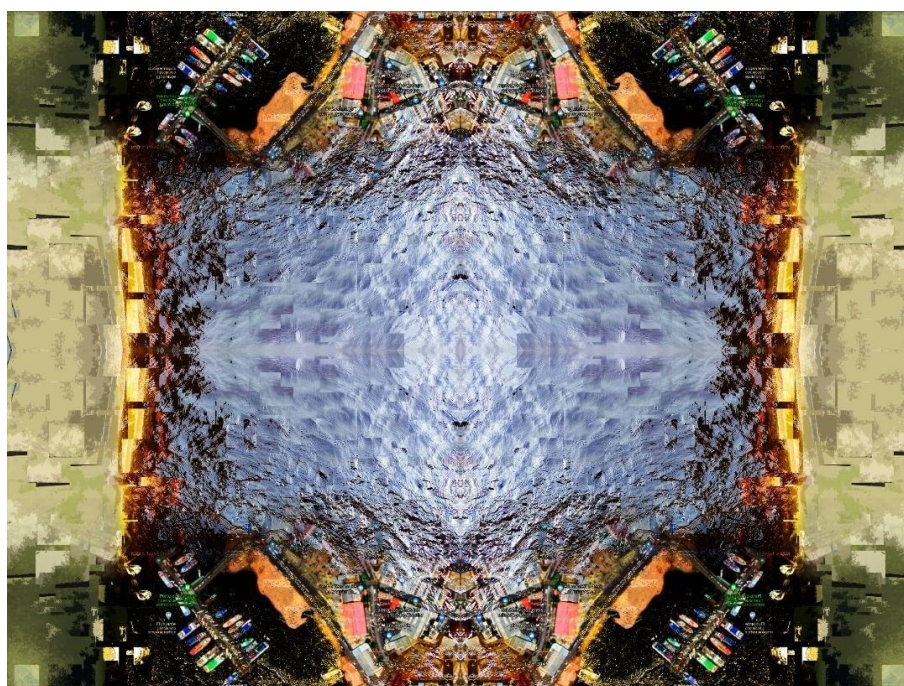
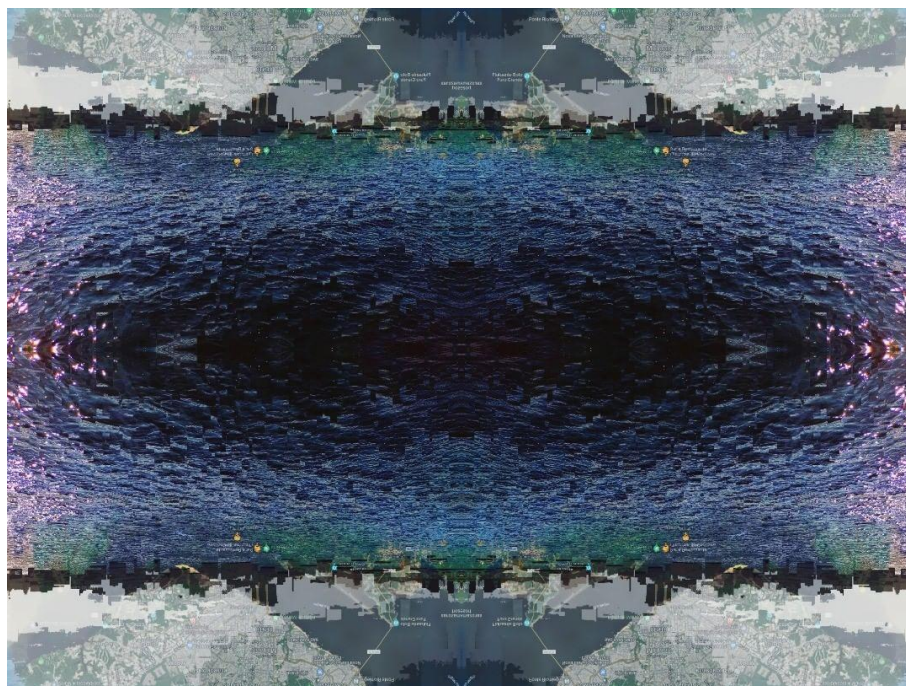


Figura 03: Maxi Rodrigues, (2021) *Série: Fragmentos*. Imagem digital



Figura 04: Maxi Rodrigues, (2021) *Série: Fragmentos*. Imagem digital



Em Presidente Figueiredo, município a 108 km de Manaus, eu quis conhecer a chamada ‘terra da cachoeiras’, porém fui para lugares um tanto diferentes e cheio de descobertas. A “Caverna Maroaga” me permitiu uma conexão única com a natureza e com a ancestralidade, através da sua queda d’água. Pude me banhar, observar e usufruir deste local simbólico para a população local que carrega história e memória indígena. Assim como na “Gruta da Judéia”, que por sua vez exhibe sua forma peculiar e encanta os viajantes.

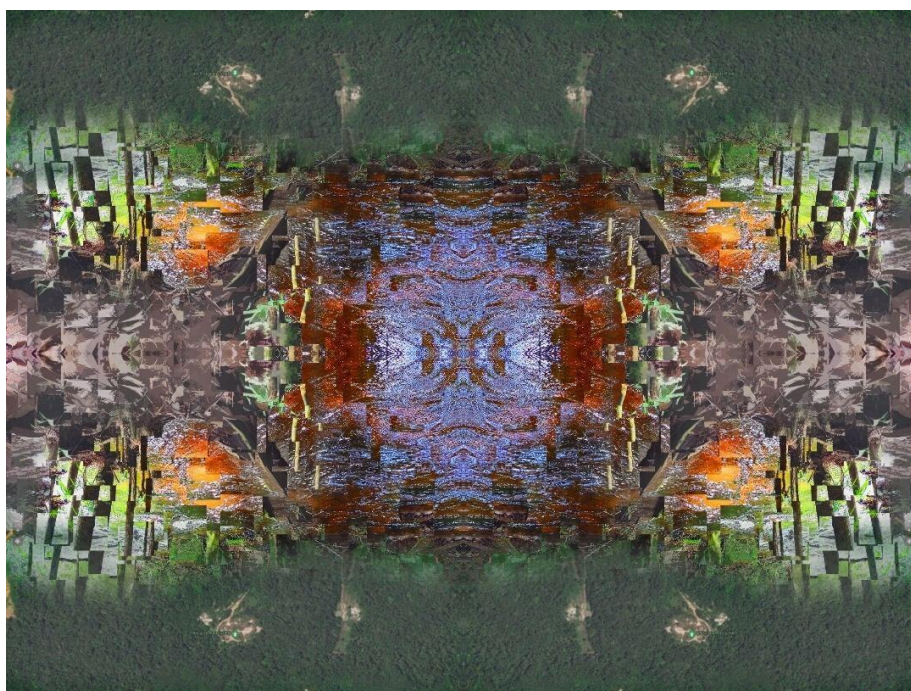
Figura 05: Maxi Rodrigues, (2021) *Série: Fragmentos*. Imagem digital



Caminhei por entre a mata para chegar à esses lugares e pude conhecer um pouco sobre a vegetação local, como árvores típicas e antigas, assim como medicinais tal como o Pau Rosa, conhecida como “vick” da natureza. No caminho percebe-se a umidade da floresta e trechos encharcados.

Já na cidade de Rio Preto da Eva, distante 79 km ao norte da capital do Amazonas. Conheci a cachoeira do “Fole”, onde pude me banhar, conhecer, observar, sentir e me conectar de maneira profunda com a água, que desce e passou pelo meu corpo e dentre as pedras.

Figura 06: Maxi Rodrigues, (2021) *Série:Fragmentos*. Imagem digital



O imaginário leva à um pensamento de uma paisagem por sua maioria como Amazônia bucólica onde tais poéticas podem representar tal imaginário de maneira onde não existem problemas e defeitos para o povo amazônida ribeirinho. Entretanto utilizo tais características para recriar a paisagem dentro de um mundo particular ao mostrar não somente as belezas, mas sobretudo as ações negativas do homem. Contudo percebo signos em constante construção dentro do espaço amazônico.

Para o viajante comum ou o estudioso, este constitui um princípio instaurador, princípio segundo a qual a Amazônia é concebida como um bem único e irrepetível, revelador de um *bic et nunc* que é o resultado de uma acumulação de signos do imaginário universal. Signo de uma natureza tida como única, original e irrepetível, em

contraposição com uma época de reprodução multiplicadora da natureza. (LOUREIRO, 1995, p.60-61)

Ir para Parintins e Terra Santa-PA são experiências diferentes devido ao fato de a viagem ser por embarcação, para Parintins de barco e para Terra Santa, de lancha. Toda vez que vou para Parintins sinto uma sensação diferente, pois apesar de o caminho ser o mesmo, voltar pra casa, e sentir a sensação de pertencimento eu cada vez mais tenho a possibilidade de amadurecer poeticamente e perceber a navegação de muitas maneiras novas.

Em Parintins observei lugares onde a cheia afetou a vida daquelas que moram próximo às áreas de alagamento. A estrutura anual das marombas, pontes de elevação para acesso aos lugares necessários. Mobilidade diante dos espelhos d'água, em sua maioria poluídos, reflexo da ação nociva contemporânea da sociedade.

Figura 07: Maxi Rodrigues, (2021) *Série:Fragmentos*. Imagem digital

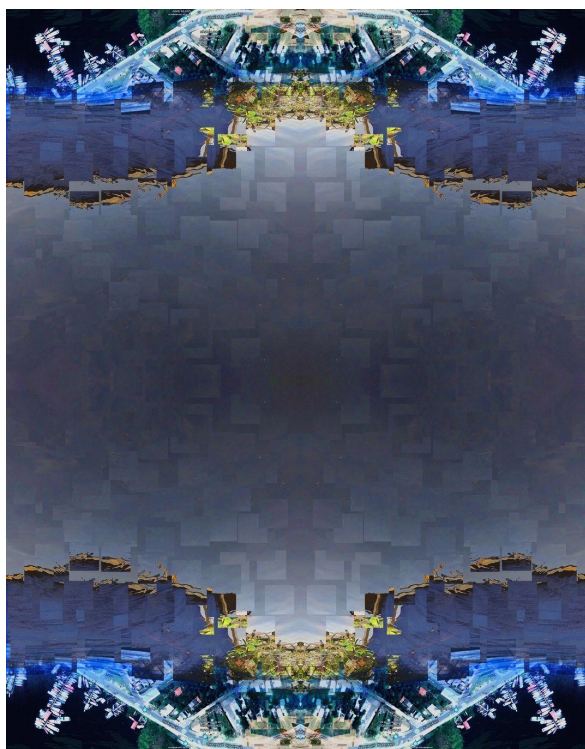


Figura 08: Maxi Rodrigues, (2021) *Série: Fragmentos*. Imagem digital

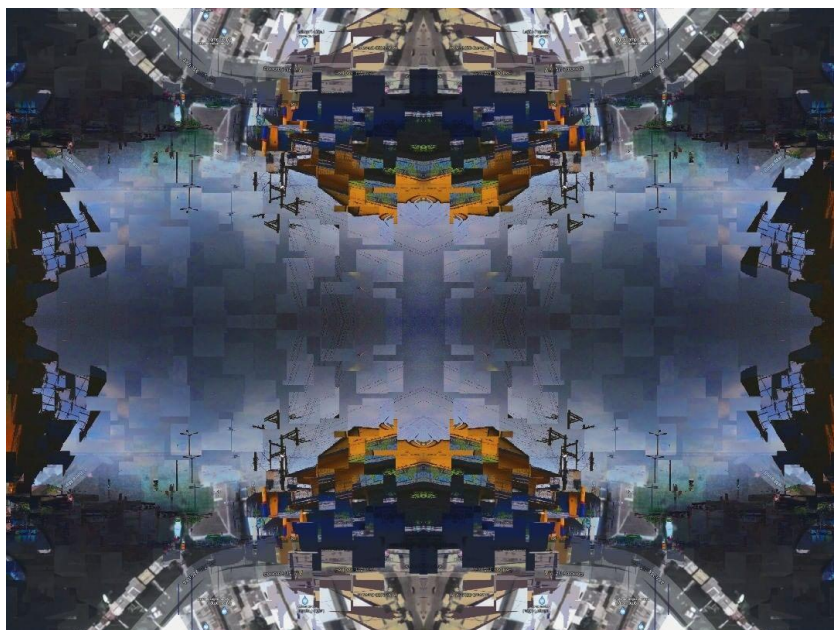
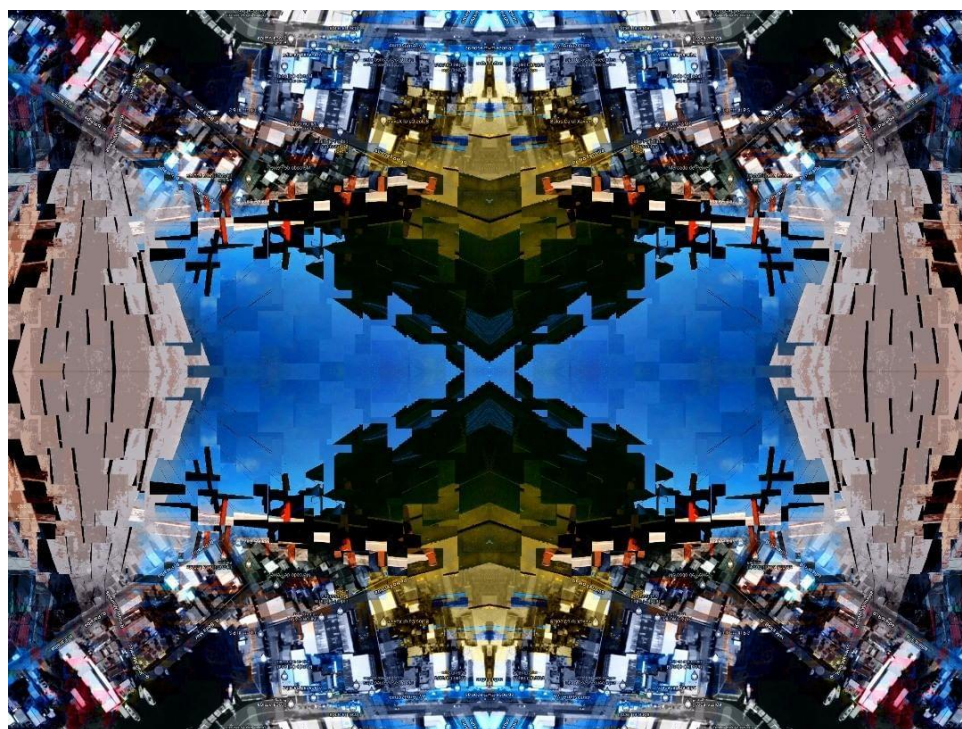
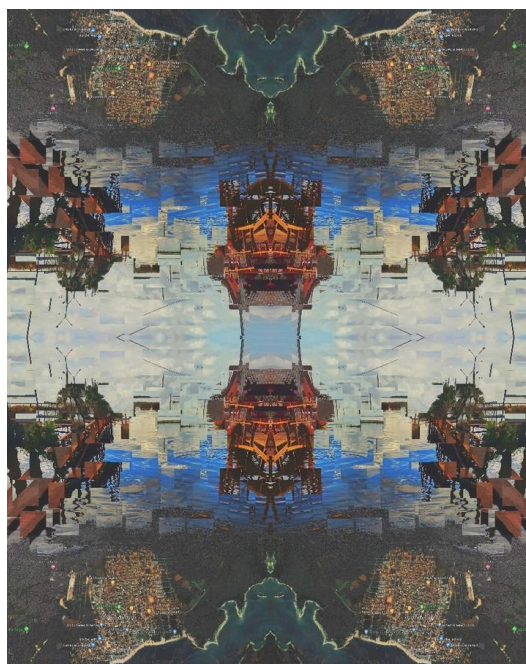


Figura 09: Maxi Rodrigues, (2021) *Série: Fragmentos*. Imagem digital



Na cidade de Terra Santa-PA, a viagem de lancha dura aproximadamente uma hora. Com isso a visualização da paisagem amazônica se torna mais rápida se comparar com uma viagem de barco. Também pude observar a enchente em frente à cidade, cuja atração turística são as praias, que por sua vez estavam embaixo d'água. Também observei as marombas, as casas e ruas alagadas e a ser alcançadas pela água e o ato de banhar-se na frente da cidade na área portuária.

Figura 10: Maxi Rodrigues, (2021) *Série: Fragmentos*. Imagem digital



Durante as viagens há de se pensar com olhar urbano das dificuldades encontradas na vida ribeirinha, entretanto nesse locais existem as possibilidades de vida social como em qualquer outro lugar, exceto pela alto desenvolvimento urbano, mas se percebe em muitos lugares além de água encanada e eletricidade, a conexão de internet. Além disso muitas famílias estão numa dicotomia entre a cultura ribeirinha como os costumes antigos e modos contemporâneos, como a expansão da cultura digital.

O olhar passageiro de quem não mora no local não apreende de imediato as possibilidades de relacionamentos, trabalho, lazer ou educação dos moradores dali. Mas a própria existência dessa população indica que há condições de se viver naqueles locais. (SOARES, 2019, p.4)

Assim como a relação do amazônida com a floresta se faz inerente, a navegação também ter seu lugar incontestável, seja pela história com as descobertas junto à colonização, seja para a sobrevivência e a observação da paisagem hora simples e ao mesmo tempo grandiosa.

A navegação é norteadada pela posição dos astros no céu ou por alguns sinais identificativos percebidos nas margens: uma casa iluminada por lamparinas, um aglomerado de casas de madeira sobre palafitas conectadas ao rio por um trapiche, a localização estratégica de uma ilha, o ponto de fuga de ângulos formados pela copa de uma árvore grande e a estrela d'alva etc. (LOUREIRO, 1995, p.100)

Seja pelos deslocamentos terrestres ou fluviais fiz a coleta do material e dos deslocamentos fiz uma seleção com imagens dos lugares. Dez imagens para poder trabalhar e diluí-las com o resultado aplicado “*Lighten*” e “*Tiles*”, onde as imagens são fragmentadas com cópias à deslocar-se. Além disso pensei na mesclagem junto às capturas de tela do *Google Maps*. Então o destaque de fortalecimento da cor de acordo com a luz do sol se dá sobre a água. Outro resultado importante é justamente o reflexo das imagens em quarto partes, onde a água se fixa no centro e se mostra em sintonia num contexto com o ambiente onde se encontra. A finalização do trabalho se deu pela publicação nas redes sociais, Instagram e Facebook, locais de minha atuação contemporânea.

A fotografia, neste caso, também incorpora ajustes pré-configurados, ou seja, tanto o programa associado à câmera como diversos outros aplicativos que podem ser instalados no celular oferecem a possibilidade de configurações variadas: fotografia em

preto e branco, sépia, fotografia com predominância de tons quentes ou tons frios, além de diversos filtros que conferem tratamentos os mais variados à imagem. Com uma câmera de celular a possibilidade de controlar o resultado é um pouco menor se comparado com a DSLR, e muitas vezes predominam características como pouca nitidez, subexposição ou superexposição, os quais se tornam componentes formais da imagem. (PERES, 2015, p. 22).

Figura 11. Captura de tela da página do Instagram

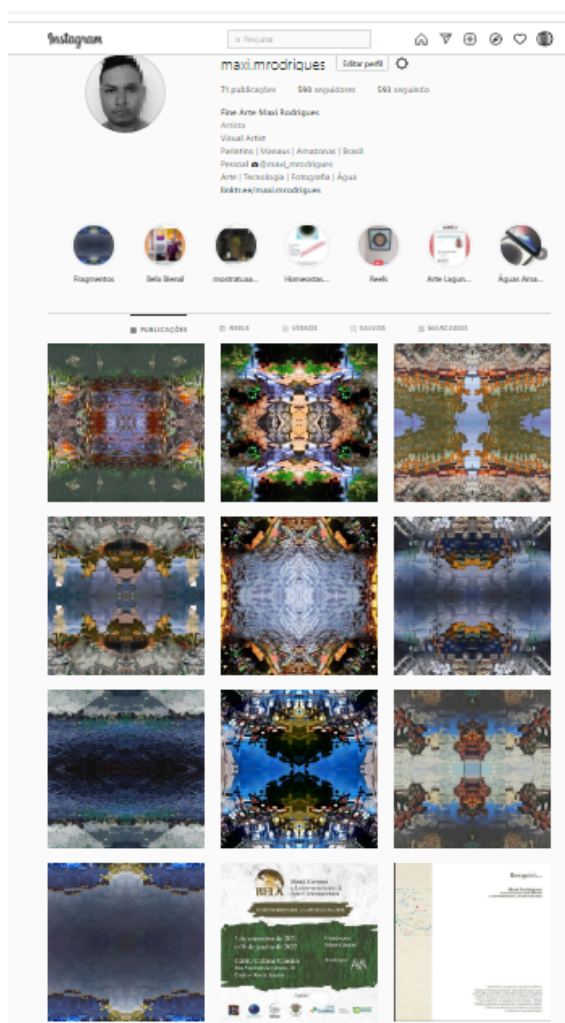
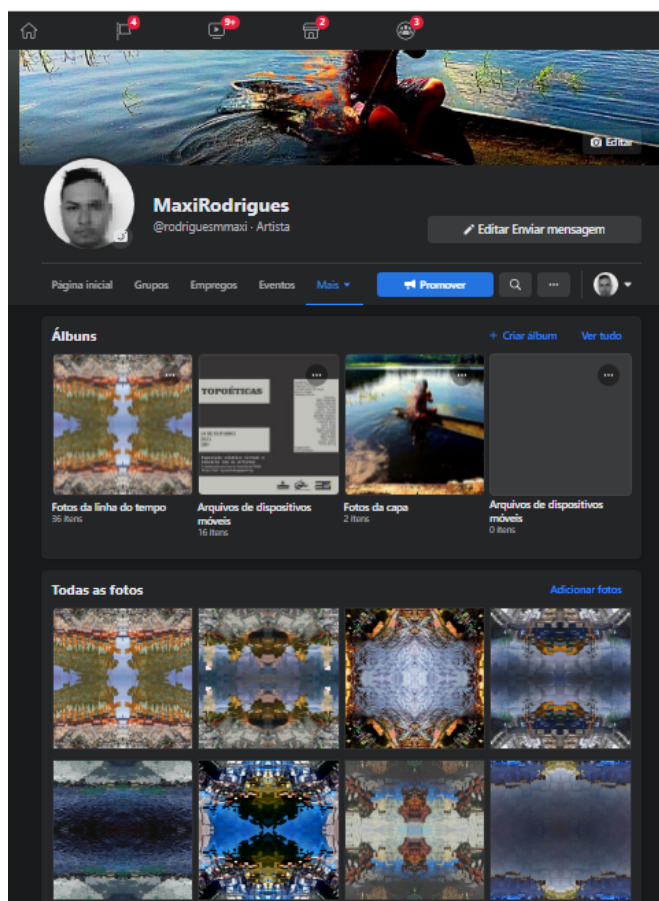


Figura 12. Captura de tela da página no Facebook



Ao carregar o smartphone posso observar o lugar ao redor de vários ângulos e fato de o dispositivo ser pequeno facilita ao poder levar para lugares de difícil acesso e que exigem exercícios de caminhadas e outras atividades que cansam tanto físico quanto mentalmente. O smartphone me possibilita ajustes no momento da captura da imagem e no ato da pós-produção, este é o que mais realizo.

A ação de fotografar se dá justamente pela maneira como se ocupa um lugar, onde as transformações e mudanças de ponto de vista ocorrem pelo deslocamento ou mesmo por novas escolhas, seja de espaço ou de equipamento. Temos então um modo de ver que se transforma constantemente e se relaciona com as experiências do fotógrafo, mas é essencialmente guiado pelo dispositivo fotográfico. Consequentemente, a imagem se

compõe tanto da referência com a cena como das percepções de quem fotografou.
(PERES, 2015, p. 29)

Com o trabalho realizado sobre os fragmentos em deslocamentos feitos na Amazônia me permito mergulhar nas ideias e memórias, nas relações com os lugares, com as pessoas e as histórias construídas sobre o ambiente comum. Tomei como mote principal a manipulação das imagens e os deslocamentos e navegações que são essenciais e inerentes à mim.

REFERÊNCIAS

JÚNIOR, Hugo. *Poéticas Líquidas: a água na arte contemporânea*. 2006. Tese (Doutorado em Artes Plásticas) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

LOUREIRO, Paes. *Cultura Amazônia: uma poética do imaginário*. Belém: Cejup, 1995.

PERES, Carolina. (2015). *Corpo, água e luz*. Dissertação (Mestrado em Artes) Instituto de Artes - Programa de Pós-graduação – Mestrado em Artes. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2015.

SOARES, Eduardo Oliveira. Sobre o Rio Amazonas, entre Manaus e Parintins. *Vitruvius*. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/13.150-151/7517>>. Acesso em 2022-05-19.

Como citar este texto:

RODRIGUES, Maximilian M. Fragmentos: caminhos d'água da Amazônia. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA e SEMINÁRIO DE ARTES DIGITAIS, 7, 2022, Belo Horizonte. *Anais do 7º Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia e Seminário de Artes Digitais*. Belo Horizonte: EdUEMG, 2022. ISSN: 2674-7847. p. 1050-1064.